

---

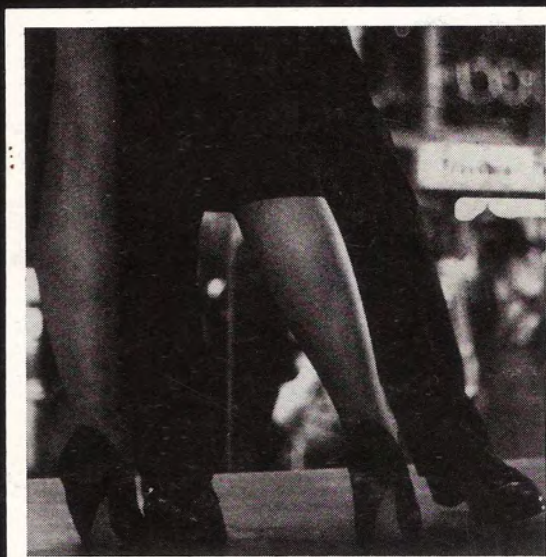
A ESCOLA

---

---

# Dança

---



Boletim da Escola Superior de Dança • N.º 1 • Verão 87

# Dança

DANÇA

Boletim da Escola Superior de Dança, nº 1, Verão 1987

DIRECTORA

Wanda Ribeiro da Silva

CONSELHO DE EDIÇÃO

Gil Mendo, Ana Maria Vian,

António Pinto Ribeiro

CAPA

Conceição Abreu

DEPARTAMENTO GRAFICO

Conceição Abreu, Henrique Mourato

**ABERTURA 5**

**Wanda Ribeiro da Silva**

**PENSAR UMA ESCOLA SUPERIOR DE DANÇA 7**

**Arquimedes da Silva Santos**

**A PROPOSITO DE ESFORÇOS E ENERGIAS 15**

**Madalena Victorino**

**TONUS 19**

**Edgard Fortes**

**NIJINSKY'S CHOREOGRAPHIC METHOD: VISUAL 25**

**SOURCES FROM ROERICH FOR**

**LE SACRE DU PRINTEMPS**

**Millicent Hodson**

**ENTREVISTA COM A DRA. MADALENA PERDIGAO 37**

**Gil Mendo**

**ATITUDES 45**

**António Pinto Ribeiro**

**A DANÇA COMO ESPECTACULO 53**

**Ana Marques Gastão**

**NOTÍCIAS**



## ENTREVISTA COM A DRA. MADALENA PERDIGÃO

Gil Mendo

G.M. - Desde a criação do ACARTE, temos tido a possibilidade de assistir a espectáculos de dança no Centro de Arte Moderna. Gostaria que a Dr<sup>a</sup>. Madalena Perdigão começasse por nos dizer alguma coisa sobre as actividades do ACARTE no campo da dança.

M.P. - A acção do ACARTE no domínio da dança tem sido sobretudo voltada para a apresentação, na Sala Polivalente, de grupos caracterizados por serem, digamos, de vanguarda, nomeadamente por se dedicarem ao experimentalismo em dança. Isto foi decidido atendendo a que a acção da Fundação Gulbenkian no domínio da dança através do Serviço de Música, tinha características diferentes, visto ser mais orientada para a apresentação do seu próprio Ballet Gulbenkian e, mais esporadicamente, de companhias de dança moderna norte-americanas.

Portanto, pensou-se que havia um espaço a preencher com esses pequenos grupos que são uma espécie de núcleos de criação artística com um grande vigor e com grandes potencialidades, que não se encontram na maior parte das grandes companhias de dança. E pensámos muito na dança europeia que, no nosso entender, actualmente se está a sobrepor à dança americana. Tem-se a impressão de que a dança americana se

esgotou um pouco e agora é a dança europeia que está a pegar no facho e a renovar-se. Como disse, tivêmos muito em mente a dança europeia, embora sem pôr de parte, bem entendido, a dança norte-americana. Começámos até pela Molissa Fenley, se bem se lembra. Mas, em todo o caso pensámos mais na dança europeia, na dança de vanguarda e no experimentalismo.

Como disse, para preencher um lugar que, em certa medida, estava vago no que respeita à acção da Fundação Gulbenkian no domínio da dança através do Serviço de Música.

Mas não pensámos só nisso; pensámos também em animar o anfiteatro de ar livre, que está adstrito ao Serviço ACARTE, e para isso começámos por convidar as maiores e melhores companhias de dança portuguesas, o que representa também uma diversificação do apoio da Fundação Gulbenkian ao bailado em Portugal.

Portanto: diversificar o apoio, em vez de ser só restrito ao Ballet Gulbenkian, diversificar apoiando também, de uma maneira indirecta, apresentando espectáculos, a Companhia Nacional de Bailado do Teatro Nacional de São Carlos e a Companhia de Dança de Lisboa, que eram as melhores e as maiores companhias existentes. Para aquele anfiteatro não parece adequado convidar pequenos grupos, porque tem grandes dimensões. E ainda há uma terceira vertente, que foi só apontada mas que eu espero desenvolver, que é a vertente da dança não europeia. Pensámos nela ao escolher, por exemplo, Elsa Wolliaston, que é uma bailarina com raízes africanas, e adoptámos esse critério porque uma das tendências, uma das vocações do ACARTE é não se circunscrever à cultura europeia, abrir-se para outros continentes, como, aliás, é vocação do próprio país, de Portugal. Portanto, nessa medida, achamos que devemos estar abertos para culturas de outros continentes. Então apontámos, com a Elsa Wolliaston esse caminho, que esperamos continuar.

G.M. - Eu tenho-me apercebido, no contacto quer com estu-

dantes de dança quer com profissionais de bailado, sobretudo os bailarinos mais jovens, do grande entusiasmo que lhes têm despertado os espectáculos de dança a que assistem aqui no ACARTE, e penso que sobretudo por duas razões: a descoberta do experimentalismo, da dança de vanguarda, e o contacto com grupos de dança europeus, nomeadamente de países que são, como Portugal, pouco populosos, embora mais desenvolvidos do que nós culturalmente, como a Holanda, a Bélgica.

Até agora o ACARTE não recebeu qualquer proposta de experimentalistas portugueses? Eu pergunto isto porque, embora assistamos por vezes a espectáculos de dança caracterizadamente experimental, em Lisboa, são muito poucos e muito espaçados, e surpreende-me que estes jovens, sobretudo os que já estão profissionalizados, que se interessam pelo experimentalismo, não tentem, à semelhança do que fazem outros jovens bailarinos europeus, desenvolver as suas experiências e apresentar o seu trabalho.

M.P. - Estou informada de que essa actividade vai recomençar. O Serviço de Música reiniciou o Estúdio Coreográfico no mês de Agosto último, portanto aí haverá um espaço e um tempo para que os jovens coreógrafos apresentem as suas tentativas de experimentalismo em dança.

Junto do ACARTE houve duas aproximações, uma de Santarém, do grupo dirigido pela Prof<sup>a</sup>. Fátima Sampaio, e outra do Dança Grupo, dirigido pela Prof<sup>a</sup>. Eliza Worm. Foi uma primeira aproximação para ver em que medida é que poderiam colaborar com o ACARTE.

Quando dirigia o Serviço de Música, tive a ideia de organizar Estúdios Coreográficos para permitir a revelação de novos valores no domínio da coreografia e os Estúdios tinham lugar todos os anos.

Houve também um pedido de um grupo que agora se apresenta como Projecto APARTE. Achei muita graça porque deu-me a impressão de ser um pouco paródia ao ACARTE. Este grupo, Lis



boa-Nova Iorque-Lisboa, também queria colaborar connosco, mas não o pudemos atender por causa da nossa programação. Exigiam uma permanência muito longa, portanto não se podia realizar aqui na Sala Polivalente. Vai ter lugar no Teatro de São Carlos e no Teatro D. Maria II, portanto será de facto um projecto aparte.

Mas estamos abertos ao experimentalismo português na Sala Polivalente, como disse há pouco. Quanto ao anfiteatro de ar livre, eu creio que foi a Sra. D. Manuela de Azevedo que lançou a ideia no Diário de Notícias de que se poderia abrir o anfiteatro de ar livre a grupos de jovens bailarinos portugueses. Penso que seria um pouco arriscado, porque o anfiteatro de ar livre tem umas dimensões muito grandes, mesmo a Companhia de Dança de Lisboa já tem dificuldade em se adaptar áquele espaço. Mas na Sala Polivalente admito perfeitamente que venham a apresentar-se jovens grupos de dança portugueses devidamente enquadrados.

G.M. - Eu penso que um dos problemas dos grupos portugueses que querem dedicar-se ao experimentalismo é o espaço onde fazerem as suas experiências antes propriamente de as apresentarem, e provavelmente esse é um dos óbices.

A Dra. Madalena Perdigão, na sua actividade em prol da dança, tem sempre revelado um grande interesse pela inovação, e portanto pela experimentação, e também um grande interesse pela pedagogia, e eu, nessa base, porque verifico - e verifico-o com grande satisfação - que uma vez mais a Dra. Madalena Perdigão está na dianteira do que é necessário fazer, no ACARTE está a dar importância à divulgação da experimentação no campo da dança - eu penso que o ACARTE está a fazer um trabalho muito importante em prol dessa ideia de desenvolvimento, de experimentação e de inovação - , nessa base gostava que me dissesse o que pensa que outras instituições, nomeadamente a Escola Superior de Dança, poderiam fazer também em prol desse desenvolvimento da criatividade sem o qual a arte não evolui.



Quer dar-nos uma opinião, que pode ser inclusivamente, uma crítica?

M.P. - Eu penso que poderiam, por exemplo, organizar Workshops e seminários, convidando para o efeito alguns artistas de passagem, ou vindos propositadamente, eventualmente em colaboração com as embaixadas, se se tratasse de professores e coreógrafos estrangeiros. Parece-me que seria muito importante abrirem esse caminho para os vossos alunos, organizarem seminários e workshops de nova dança.

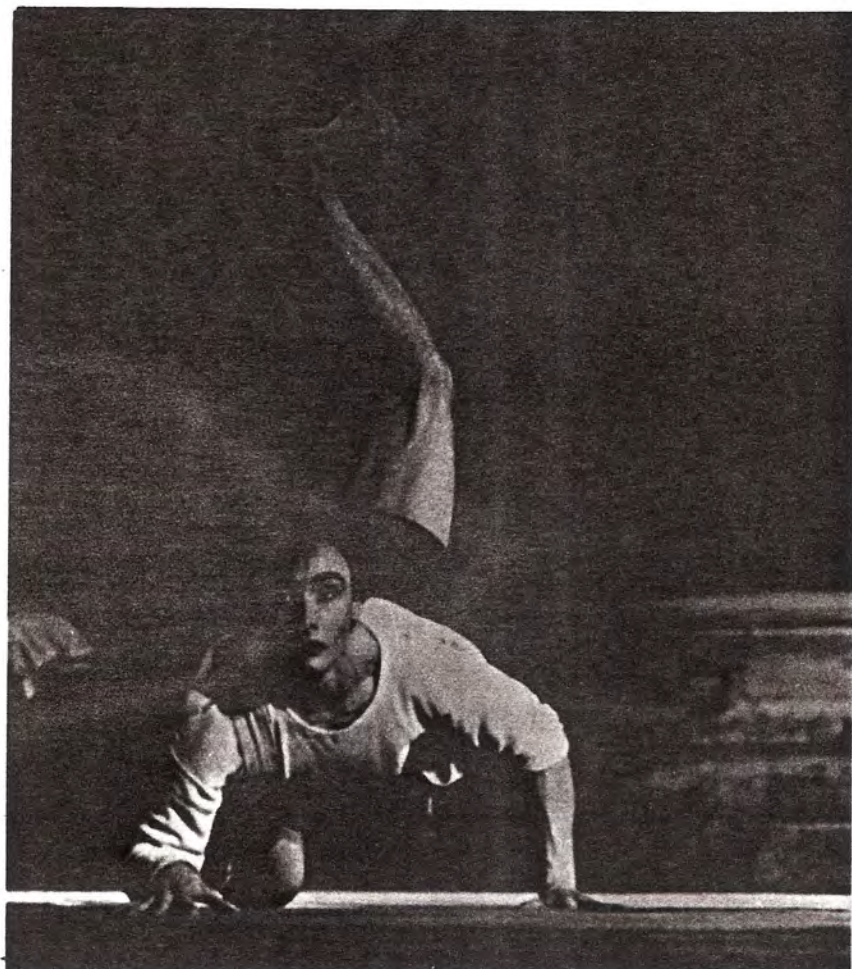
G.M. - O ACARTE como procede para a selecção e escolha dos grupos que traz a Lisboa?

M.P. - Eu procedo aqui no ACARTE como procedia no Serviço de Música, muito à base de documentação. As Companhias enviam vídeos, críticas de espectáculos já realizados.

Há também o contacto pessoal com correspondentes estrangeiros, com organizadores de festivais, que nos dizem 'tal ou tal agrupamento é merecedor de apoio', 'tal ou tal agrupamento tem mérito', e, portanto, isso tudo ajuda a seleccionar.

Há também certas formas de colaboração que se estabelecem automaticamente, por exemplo com a organização Dance Umbrella, em Londres, que organiza todos os anos um festival em que se apresentam companhias da América e da Europa. Nós estamos em contacto com eles e seleccionámos, por exemplo, três das companhias que vão apresentar-se em Londres em Outubro, e que virão apresentar-se aqui, em Lisboa, em Novembro.

E já agora que falámos de pedagogia - e, de facto, confirmo que estou sempre muito aberta à importância da pedagogia e da parte formativa do bailarino - eu queria dizer-lhe que pedimos sempre, e muitas vezes somos atendidos, que as companhias ou os bailarinos realizem seminários dedicados a bailarinos portugueses. Temos organizado vários e vamos continuar a fazê-lo, em Novembro também. Sempre que as companhias o aceitam, nós organizamos workshops



ENCONTROS ACARTE 87

" Il Cortile "

destinados aos bailarinos portugueses. Admito perfeitamente que seja possível estabelecer uma colaboração com a Escola Superior de Dança nesse aspecto.

G.M. - Esperamos que sim! Já agora, em termos de frequência desses workshops, eles são mais frequentados por profissionais de bailado ou por estudantes de dança?

M.P. - Mais por profissionais. Menos por estudantes, talvez porque a informação não lhes chegue.